

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
ESPECIALIZAÇÃO – RELIGIOSIDADES AFRO-BRASILEIRAS:
POLÍTICA DE IGUALDADE RACIAL EM AMBIENTE ESCOLAR**

JOÃO JOSÉ DA SILVA

**MACUNAÍMA:
MACUMBA – A LITERATURA COMO INTERDISCIPLINA; DIFUSORA DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA.**

Juiz de Fora

2016

JOÃO JOSÉ DA SILVA

**MACUNAÍMA:
MACUMBA – A LITERATURA COMO INTERDISCIPLINA; DIFUSORA DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Pós-graduação
em Religiões e Religiosidades Afro-
Brasileira: Política de Igualdade Racial em
Ambiente Escolar da Universidade Federal
de Juiz de Fora, sob orientação da
professora Doutora Bárbara Simões
Daibert.**

Juiz de Fora

2016

JOÃO JOSÉ DA SILVA

MACUNAÍMA:

**MACUMBA – A LITERATURA COMO INTERDISCIPLINA; DIFUSORA DA
CULTURA AFRO-BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista na área de Religiões e Religiosidades Afro-brasileiras: Política de Igualdade Racial em Ambiente Escolar.

Aprovado em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Bárbara Simões Daibert - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão à Fátima, minha esposa, pela compreensão e apoio; ao colega Dirceu, que não mediu esforços para substituir-me no trabalho noturno garantindo minha presença às aulas, à professora Ana Katyucha que mui gentilmente revisou o “abstract”, a toda equipe docente, coordenação, auxiliares e tutoras, à equipe da secretaria que nos apoiaram, e finalmente aos colegas companheiros e companheiras de jornada.

Os livros de leitura começavam a fazer parte do cotidiano escolar brasileiro no século XIX. Inicialmente na forma de cartilhas, ou seleção de textos, são representantes das práticas pedagógicas e ideológicas de uma época. Foi a partir da obrigatoriedade do ensino primário, que a produção de livros de leitura começou a adquirir força e a adequar-se às necessidades da escolarização em massa, passando a servir aos interesses do Estado (GRÜNDLER; SPESSATTO; X ANPED SUL; 2014, p. 02).

RESUMO

Nosso objetivo com este trabalho é mostrar a possibilidade intrínseca à literatura para difundir as culturas indígena, africana e afro-brasileira no meio escolar, atendendo a uma necessidade de luta contra as diversas formas de discriminação existentes em relação à tais culturas bem como a estes povos e seus descendentes. Levando-se em consideração que a literatura serviu de meio difamador e de desvalorização das mesmas no final do século XIX e início do século XX, nossa proposta é mostrar que pode ao contrário, difundir seu valor e sua riqueza, opostamente ao modo como foi usada nos períodos acima citados, “macumba”, capítulo sete de MACUNAÍMA, de Mário de Andrade, nos mostra esta possibilidade. Desta forma vamos através de bibliografia específica apontar possíveis evidências da literatura como elemento difusor, e em si tratando de disciplina de currículo escolar é a mesma difusora das culturas afro-brasileiras; a qual se por um lado foi pensada com o intuito de menosprezar, teve outro caráter, a difusão.

Palavras-chave: Literatura; Cultura; Negro; Macumba; Indígena.

ABSTRACT

Our goal with this work is to show the intrinsic ability of literature to spread the indigenous, African and african-Brazilian cultures in schools, meeting a need to combat the various forms of existing discrimination in relation to them, as well as to these peoples and their descendants. Taking into consideration that the literature served as a means of defamation and devaluation of these cultures in the late nineteenth century and early twentieth century, our proposal is to show that it can spread their value and wealth instead, as opposed to how it was used in the periods mentioned above, "Macumba", in chapter seven of *MACUNAÍMA*, by Mário de Andrade, shows us this possibility.

Keywords: Literature, Culture, Black, Voodoo, Native

SUMÁRIO

1. Introdução: A formação de uma identidade nacional de um povo mestiço.....	08
2. IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Uma proposta de nação, uma proposta de uma brasilidade.....	10
3. Difusão do progresso, apagamento cultural, via literatura: Projeto ideológico de transformação social e cultural.....	13
4. Cultura, História e Literatura.....	17
5. Macunaíma: Literatura, interdisciplina difusora cultural.....	20
6. Macumba.....	24
7. Conclusão.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

1. Introdução: A formação de uma identidade nacional de um povo mestiço.

A afirmativa de uma nação miscigenada, formada por um povo etnicamente heterogêneo, foi ao final do século XIX e início do século XX muito difundida em função da busca de um tipo ou uma originalidade do brasileiro como povo e Nação, procurou-se moldar o perfil de ser brasileiro, neste sentido a literatura foi amplamente explorada, com o duplo objetivo, difundir esta ideia e também denegrir e depreciar as culturas ameríndias e africanas aqui existentes. Visentini et al (2013, p.217), argumentam em “História da África e dos africanos”, que “o Brasil por outro lado, constitui um país mestiço, não uma democracia racial ou uma nação multicultural”. Com base nisto podemos afirmar que o brasileiro é um povo mestiço possuindo uma cultura diversificada, que para além da cultura ameríndia aqui existente, agrega-se a cultura do branco europeu e posteriormente a cultura africana trazida pelos negros, o que fica explícito no capítulo sete, Macumba, em Macunaíma de Mário de Andrade (1928). Nesta obra além das características de mestiçagem índio branco, índio negro e branco negro, há uma fusão religiosa e cultural.

Desta forma, trabalharemos também com o artigo de Gründler e Spessatto, “Raízes de preconceito na educação brasileira: etnicidade e a temática do progresso nos livros de leitura da Primeira República” (2014), no qual as autoras trabalham com a proposta de que a literatura é usada como instrumento para a divulgação de uma ideologia que tem como objetivo apagar a cultura ameríndia e africana presentes no Brasil, e no ideal de busca de identidade para o povo brasileiro, com base nos padrões europeus. E por fim, apresentaremos Sevcenko, e sua obra “Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República” (1999), onde o mesmo faz uma análise literária entre escritores da época, no caso Euclides da Cunha e Lima Barreto, bem como atesta a missão da literatura como divulgadora das transformações históricas deste período, ou seja, Sevcenko vai tratar da transição ocorrida entre o final do século XIX e início do século XX. Porém se faz necessário que façamos uma breve menção à criação do IHGB o qual é o primeiro órgão nacional a tratar a História do Brasil e realizar as primeiras pesquisas no intuito de construir uma Nação, e por fim, Oliveira, o qual reforça a proposta apresentada apontando para a literatura como meio de formação de opinião em relação à religiosidade afro-brasileira, em especial a Umbanda.

Paralelamente vamos abordar o artigo “A trajetória do negro na literatura brasileira”, de Proença Filho (2004), o qual aborda a presença do negro na literatura tanto como objeto

como sujeito, onde procuraremos pontuar suas considerações aos demais autores aqui trabalhados ao longo das abordagens.

2. IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Uma proposta de nação, uma proposta de uma brasilidade.

Em função de um projeto de nação e intrínseco a isto a definição de um perfil do brasileiro, ou seja, quem é o brasileiro, se faz necessário fazer menção ao processo que antecede a segunda metade do século XIX, a fundação do IHGB, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1938, segundo Guimarães (1988, p.6) é no cerne deste processo de consolidação do Estado Nacional que se poderá viabilizar o pensamento de uma história brasileira. Neste sentido o que permeia a criação do IHGB está relacionado com a ideologia em curso; pois sendo implantado o Estado Nacional seria necessária a criação de um perfil para esta Nação recém-criada, a “Nação Brasileira”, a qual deveria ter uma identidade própria no conjunto de Nações de acordo com os princípios que marcavam e organizavam a vida social do século XIX, mas esta Nação é marcada pelo trabalho escravo e pela população indígena existente, e tal dificuldade para gestar esta Nação aí reside, o que dificultava segundo José Bonifácio, e que assim expressou em 1813: “...amalgamação muito difícil será a liga de tanto metal heterogêneo, como brancos, mulatos , pretos livres e escravos, índios etc. etc. etc., em um corpo sólido e político” (MOTA, 1972 apud GUIMARÃES, 1988, p.6).

Os motivos de expressarmos estas colocações de Guimarães são no sentido de mostrar que, antecedendo a qualquer forma de preconceito ou discriminação existente posteriormente em relação aos povos indígenas e africanos, já eram intrínsecos ao pensamento da elite que administrava e pensava este país, estes preconceitos já existiam conforme Guimarães,

ao definir a Nação brasileira enquanto representante da ideia de civilização no Novo Mundo, esta mesma historiografia estará definindo aqueles que internamente ficarão excluídos deste projeto por não serem portadores da noção de civilização: índios e negros. O conceito de Nação operado é eminentemente restrito aos brancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que o conceito se propunha no espaço europeu. Construída no campo limitado da academia de letrados, a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do “outro”, cujo poder de reprodução e ação extrapola o momento histórico preciso de sua construção (GUIMARÃES, 1988, p. 7).

Desta forma e por estas razões acima apresentadas, Guimarães atesta que ligados ao iluminismo europeu, em se tratando de história, esta é permeada pela noção de progresso, e que os historiadores do IHGB não mediam esforços na tarefa de explicitar essa linha evolutiva,

[...]. Neste sentido, lançar mão dos conhecimentos arqueológicos, linguísticos e etnográficos seria a forma de se ter acesso a uma cultura estranha – a dos indígenas existentes no território -, cuja inferioridade em relação à “civilização branca” poderia ser, através de uma argumentação científica, como pretendiam, [...] (GUIMARÃES, 1988, p.11).

Entendemos desta forma que ao analisarmos as colocações de José Bonifácio em relação aos indígenas, ao africano, e ao iluminismo europeu, e neste contexto o entendimento desta cultura iluminista ser superior aos povos aqui existentes, deveriam ser apagadas e esquecidas, surge então neste viés a ideia de branqueamento coadunando com as colocações de Guimarães acima citadas e conforme veremos nas colocações de Gründler e Spessato. Guimarães ressalta enfaticamente sobre o fato das influências literárias da época relatando também as oposições por elas sofridas, pois visavam valorizar, por exemplo, a cultura indígena,

Será, portanto, em torno da temática indígena que, no interior do IHGB, e também fora dele, travar-se-à um acirrado debate em que a literatura, de um lado, e história, de outro, argumentarão sobre a viabilidade da nacionalidade brasileira estar representada pelo indígena. Enquanto Varnhagen, em carta dirigida ao imperador com data de 18 de julho de 1852¹ a propósito do indianismo de Gonçalves Dias o adverte para “não deixar para mais tarde a solução de uma questão importante acerca da qual convém muito ao país e ao trono que a opinião se não extravie, com ideias que acabam por ser subversivas”, a literatura veicula a imagem do indígena como portador da “brasilidade” (GUIMARÃES, 1988, p.11- 12).

Conforme exposto acima vemos a importância da literatura naquele período e como a mesma tinha uma ampla influência e importância no seio da sociedade brasileira, tanto positiva como negativamente. No primeiro caso para afirmar valores europeus iluministas e no segundo com a intenção de denegrir a cultura aqui existente, é o que veremos a seguir conforme as autoras mencionadas, Gründler e Spessatto.

Antes, porém se faz necessário abordarmos Proença Filho o qual relata que na literatura brasileira a presença do negro é também submetido ao processo marginalização, e que isto vem “desde as instâncias fundadoras”, “marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade”, nas próprias palavras do autor (FILHO, 2004, p.161) ou seja, a questão étnica já mencionada por José Bonifácio, como citado acima é um fator de peso no processo discriminatório ao se tentar criar o perfil do brasileiro, inclusive cultural. Vamos observar

¹ Carta de Varnhagen ao imperador datada de 18 de julho de 1852. In: LESSA, Clado Ribeiro de (org.) Francisco Adolfo Varnhagen. Correspondência ativa. Rio de Janeiro, INL, 1961. p. 187.

também que Proença Filho faz menção a Gonçalves Dias, que segundo nosso autor é “reconhecidamente uma das mais altas expressões da poesia do Romantismo brasileiro” (FILHO, 2004, p.169), o qual é mestiço e como podemos atestar em citação anterior, foi vítima contumaz das posições de Varnhagen ao recomendar em carta ao Imperador sobre o risco de sua literatura, acusando-a de subversiva e que esta não convém aos interesses do trono e do país, Gonçalves dias segundo nosso autor não fez condenação explícita à escravidão, porém relatou a situação sofrida em “A escrava” (1846) e “A meditação” (1849), (FILHO, 2004, p.169). Portanto, após estas colocações trataremos agora das análises de Gründler e Spessatto.

3. Difusão do progresso, apagamento cultural, via literatura: Projeto ideológico de transformação social e cultural.

Conforme nossa proposta, em apontar a literatura como difusora da cultura indígena e em especial africana, também do mestiço brasileiro, utilizaremos o trabalho de Gründler e Spessatto para esta fundamentação, onde iremos mostrar que a relação da literatura com projeto ideológico almejado pela elite, sinalizando para a superioridade da cultura europeia, denegrindo a imagem da cultura popular, porém concomitantemente esta é a difusora desta cultura rejeitada. Neste sentido, em relação à estas culturas Gründler e Spessatto atestam que com o objetivo das mesmas, aqui existentes, serem apagadas reforçando a superioridade da cultura europeia em função da busca de uma identidade de “povo brasileiro”, ao final do Império e início da República, a literatura foi utilizada como meio para justificar o atraso que estas culturas, aqui existentes, representavam,

[...], influenciados pelo Positivismo europeu, acreditavam que o país não poderia progredir em virtude de sua formação étnica. Em função disso, advogam que somente a educação popular poderia reparar os “vícios” e “defeitos” decorrentes da formação histórica do país (GRÜNDLER; SPESSATTO, 2014, p.01).

As autoras afirmam que a este propósito a literatura serviu também como afirmativa ideológica,

[...], pois ao mesmo tempo em que se busca criar a união, também se procura resolver ideologicamente as desigualdades históricas, justificando a exclusão de negros e índios a propósito do progresso, sendo a escola, por meio dos livros de leitura, a difusora do preconceito (GRÜNDLER; SPESSATTO, 2014, p.01).

Neste sentido podemos atestar, que se por um lado havia um objetivo ideológico intrínseco à esta proposta, esta cultura ameríndia e africana, eram concomitantemente divulgadas, “a temática racial constante permeia debates acerca da nacionalidade brasileira após a Independência, inclusive refletiu na literatura e, mais adiante, nos livros escolares nacionais ou livros de leitura, [...]” (GRÜNDLER; SPESSATTO, 2014, p.02); observamos que por este motivo as culturas em questão eram levadas aos leitores e em especial aos estudantes, as autoras afirmam em nota,

Os livros de leitura começavam a fazer parte do cotidiano escolar brasileiro no século XIX. Inicialmente na forma de cartilhas, ou seleção de textos, são representantes das práticas pedagógicas e ideológicas de uma época. Foi a partir da obrigatoriedade do ensino primário, que a produção de livros de leitura começou a adquirir força e a adequar-se às necessidades da escolarização em massa, passando a servir aos interesses do Estado (GRÜNDLER; SPESSATTO, 2014, p.02).

Nesta perspectiva Gründler e Spessatto (2014, p.02) afirmam que os índios eram vistos pela sociedade incapazes de trabalharem por serem preguiçosos, isto devido à sua natureza genética, e o negros por sua vez eram aptos somente ao trabalho braçal, não sendo possível a eles atividades intelectuais, pois estas eram encontradas somente em raças tidas como “superiores”. O que gostaríamos de chamar a atenção neste aspecto é que de alguma forma, esta literatura com o objetivo de desvalorização de índios e negros, era indiretamente difusora desta cultura, mesmo que apontando para os traços negativos, conforme as autoras e aliando-se a isto teorias científicas que justificavam os países tropicais inaptos ao trabalho e os países frios como superiores, justificando a ação pedratória nas colônias; Segundo nossas autoras, nas décadas finais do século XIX as campanhas pró-abolição e República tomaram força, culminando na proclamação da República em 1889, ansiava-se por uma modernidade ao estilo “Belle Époque”, e apontam para o relato de Sevchenko,

Assiste-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca, segundo padrões totalmente originais: e não havia quem se lhe pudesse opor. Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose, conforme veremos adiante: a condenação dos hábitos de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense (SEVCENKO,1983 apud GRÜNDLER; ESPESSATTO, 2014, p.03).

Gründler e Spessatto afirmam que intelectuais da época queriam transformar a imagem do Brasil, em um país com o perfil inspirado por influências do positivismo, liberalismo e utilitarismo, e neste interim, com frequência, segundo as autoras os livros de leitura da época os temas do progresso e da civilização são os mais divulgados, pois este era o anseio da burguesia, dizem,

Essa noção de progresso oriunda do iluminismo, vinculada ao processo de expansão do capitalismo e implementação dos valores burgueses no Brasil, teve muita influência nos nacionalismos da Primeira República e, conseqüentemente, nos livros de leitura utilizados nas escolas brasileiras do período. O Brasil, nessa época, estava sofrendo grandes transformações: há pouco havia sido abolida a escravidão e o país precisava modernizar-se. Sendo assim, a ideia do livro de leitura era responder a

uma demanda urgente do país que se queria consolidar como nação moderna (GRÜNDLER; ESPESSATTO, 2014, p.05).

As autoras argumentam também que pelas teorias do darwinismo houve de certa forma, ou permitiu-se a hierarquização da humanidade, e que isto vai influenciar nos autores, intelectuais, da Primeira República e nos livros de leitura a exposição da cultura europeia como “civilizada” e a cultura indígena e negra como “incivilizada”, ou seja, o que era comum, ou cultural deste povo mestiço não estava de acordo com o que postulavam estas teorias e o avanço europeu. Por tudo isto exposto até aqui, o que gostaríamos de argumentar, como já explicitado acima, no sentido de afirmar uma cultura e civilização europeia como superiora, e que esta mesma literatura ao denegrir a cultura popular a expõe, pois mesmo que não aparecendo nos livros escolares ela está presente na realidade deste povo, para atestarmos esta afirmativa recorreremos ao que dizem as autoras,

Um olhar atento sobre a produção dos livros de leitura da Primeira República permite-nos perceber a constante articulação desse período com o conceito de progresso e civilização aliados ao discurso científico, à reorganização do espaço urbano e à nova importância dada à educação. Os livros escolares, além de ilustrarem uma país por meio das narrativas, também revelam as contradições que disseminação dos ideais nacionalistas gostariam de resolver de forma ideológica (GRÜNDLER; ESPESSATTO, 2014, p. 06).

Conforme nossas autoras, em contrapartida, “também revelam as contradições”, ou seja, a realidade e a cultura deste povo mestiço, de matrizes indígenas e africanas, apontando para esta como problema a ser equacionado. Podemos observar que esta literatura expõe e explicita estas culturas tidas como inferiores, e sustentamos esta colocação coadunando com as autoras, às quais novamente recorreremos,

Nessa perspectiva, em prol do “progresso”, no qual o projeto de nação brasileira baseou-se, em alguns elementos que foram excluídos do projeto de modernização. Um fato em princípio curioso pode chamar a atenção do leitor, uma vez que, mesmo excluídos, negros e índios são personagens que aparecem em todos os livros de leitura da Primeira República (GRÜNDLER; ESPESSATTO; 2014, p.06).

Ou seja, ao que nos propomos com este trabalho, encontramos fundamentação nas autoras, conforme explicitado acima. Gostaríamos de observar que, nos dizeres das mesmas, isto se dá justamente pela necessidade de sutilmente serem colocados como incompatíveis com este

progresso, a grande dificuldade, relatam, é que estes indivíduos com esta rejeição estão presentes, “são” uma realidade.

Reforçando e concordando com as autoras acima citadas, Proença Filho no subtítulo “O negro como objeto: a visão distanciada”, relata a imposição de uma visão estereotipada da cultura europeia, ou seja, branca dominante dizendo,

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e esterótipos da estética *branca* dominante. (FILHO, 2004, p.161 - grifo do autor).

O autor afirma ainda que a matéria negra que ganha algum espaço somente a partir do século XIX, já se faz presente desde o século XII, e cita Gregório de Matos, do qual citamos uma estrofe constante de “juízo anatômico dos achaques que padecia o corpo da República em todos os seus membros e inteira definição do que em todos os tempos é a Bahia”:

“Quem são seus doces objetos?... Pretos. Tem outros bens mais maciços?... Mestiços. Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.” (MATOS apud FILHO, 2004, p.162). Observamos nestes versos, a presença inequívoca do perfil brasileiro, ou seja, pretos, mestiços e mulatos, ao que José Bonifácio fez referência e apontamos acima.

4. Cultura, História e Literatura.

Nicolau Sevcenko, em sua obra “Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República” 1999, faz uma análise do período de transição dos séculos XIX e XX, elegendo dois autores que escrevem de formas diferentes, pois estes não são do mesmo círculo social, porém, são intelectuais da modernidade e anseiam como os demais pela vinda da República; cada um deles à sua maneira enxerga a realidade com diferentes interpretações, em relação à isto, diz Sevcenko, “destaca-se em primeiro lugar a notável oposição estrutural, concentrada em seus procedimentos de linguagem, que opõe as literaturas de Euclides da Cunha e Lima Barreto” (SEVCENKO, 1995, p.199). O autor argumenta que na passagem de um século ao outro, as décadas situadas no final e início, são marcadas por profundas mudanças em todos os setores da vida brasileira, e que a literatura é quem registra estas mudanças, e mais que isso afirma que estas mudanças se transformam em literatura, ou seja, é através da literatura que as realidades deste povo mestiço que é alvo da elite, e que sua cultura seja apagada, aparece nesta literatura como atestamos acima com Gründler e Spessatto. Em relação à mudanças deste período de transição diz nosso autor,

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo, mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir (SEVCENKO, 1999, p.237).

Encontramos em Sevcenko uma afirmativa para nossa proposta neste trabalho que é justamente a de apontar para a literatura como difusora da cultura não só “branca e civilizada”, sua proposta ideológica, mas principalmente que esta comportava em si traços da cultura da época, e do povo rejeitado, ou seja, índios, negros, mestiços. No caso específico da obra de Sevcenko apresentada não vamos nos ater aos escritores em si, mas sustentar com esta obra nossa posição em relação à importância da literatura como difusora da nossa cultura naquela época. Ao analisar estes autores, Sevcenko atesta ter uma “posição adversa quanto aos conteúdos temáticos de profunda significação histórica e cultural para o período” (SEVCENKO, 1999, p.200), ou seja, segundo o autor: “ciência, raça, civilização, atuação do barão do Rio Branco, República, Inglaterra, Estados Unidos, São Paulo, imigrantes, cultura popular”, isto nos mostra que de fato a questão cultural era abordada e que fica evidenciado

com a posição do autor, bem como já assinalado pelas autoras, Gründler e Spessatto (2014). Em relação aos autores analisados por Sevcenko o mesmo diz,

Ambos mantêm posições díspares com relação ao problema da liberdade humana e ao determinismo das forças naturais. Para Euclides, crente incondicional das leis imponderáveis de que falava a ciência de sua época, há “uma grande lógica inconsciente das coisas” que acaba por determinar, a médio ou a longo prazo, o próprio curso da história humana. É dessa forma, como um movimento inexorável da natureza, que explica, por exemplo, o imperialismo europeu. Já Lima Barreto, não só não há qualquer ordem intrínseca na natureza, como a própria ciência natural é uma criação arbitrária do homem com vistas a fins precisos. São posições filosóficas simetricamente inversas. Enquanto Euclides se revela materialista, determinista e animista convicto, Lima Barreto inclina-se para a vertente idealista, relativista e voluntarista (SEVCENKO, 1999, p.200).

Porém, não é nosso escopo trabalhar estes autores, como já mencionado acima, mas sim mostrar que a literatura tem sim um papel preponderante na disseminação cultural da época, em relação à isto Sevcenko faz referência à disposição formal entre as obras dos autores em questão, onde se observada o meio social de cada uma deles, levando-se em conta a linguagem diversa utilizada por ambos,

Por fim, a última instância, porém a mais significativa, da oposição formal entre as obras, refere-se às diferentes práticas de linguagem. Assim como todo o universo intelectual euclideano é plasmado numa linguagem extremamente apurada e versando em estilo elevado, o de Lima Barreto aparece numa linguagem despojada e assinalada pela mais completa mistura de estilos (SEVCENKO, 1999, p.202).

Ainda em relação à questão temática, Sevcenko esclarece que “conteúdos revelados pela comparação em profundidade das duas séries de escritos, os motivos aparecem dispostos na forma de pares antônimos ou antagônicos”, onde irão aparecer e evidenciar uma “antítese radical presente nas posições dos autores”, surgindo assim “as dicotomias: índio/negro, interior/litoral, terra/mar, São Paulo/Bahia, imigrantes/nativos, Pacífico/Atlântico, futuro/passado, evolução/tradição, grande/pequena propriedade, racionalidade/irracionalidade” (SEVCENKO, 1999, p.203). O que podemos observar com isto é que a cultura, o social e o indivíduo, bem como o meio natural e cosmopolita estão presentes nesta literatura. Todavia, nosso intuito neste trabalho é mostrar como a literatura de forma inequívoca funcionava para além do objetivo que desejavam, ou seja, ela levaria ao público leitor as realidades culturais intrínsecas ao povo “brasileiro”, bem como seus costumes de um modo geral, desnudando as verdades que estavam distantes dos metropolitanos, e em especial em São Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Brasil, onde a cultura africana e indígena se

fazia presente em uma formação afro-brasileira desenvolvida nos “terreiros de macumba”, onde havia um público da elite frequentador deste meio, e MACUNAÍMA, em especial no capítulo sete, “MACUMBA”, retrata esta situação, a qual analisaremos no subtítulo a seguir. Porém, antes de passarmos para o próximo subtítulo, faremos uma breve abordagem à Lima Barreto, que não sendo objeto do nosso estudo é citado por Proença Filho, sendo Lima Barreto um objeto de estudo de Sevckenko,

Outro exemplo é o mulato Lima Barreto (1881-1922), o excepcional ficcionista em cuja obra, vinculada à realidade social urbana e suburbana do Rio de Janeiro, se destaca, a propósito, o romance *Clara dos Anjos*, escrito em 1922 (1948, ed. Póstuma), a história de uma mulata, filha de um carreteiro de subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor. Um exemplo denunciador do preconceito, portanto, em que a fala final da personagem, impotente diante da injustiça, impacta pelo tom desesperançado: “-Nós não somos nada nesta vida”. A dilaceração também se revela com realismo carregado de vivência pessoal nas *Recordações de Isaías Caminha*. (FILHO, 2004, p. 176 - grifo do autor).

É pertinente para o encerramento das posições de Proença Filho citar mais uma vez este autor no que diz respeito à questão étnica, pois, esta foi a tônica das argumentações dos autores apresentados como pano de fundo de seus trabalhos e explanações, em relação à esta questão diz o autor,

Entendo que é muito mais pertinente e apropriado, por força mesmo do propósito de afirmação da etnia, que, em lugar de *literatura negra* se defenda a referência à *presença do negro ou da condição negra na literatura brasileira*. Tal posicionamento foge a qualquer jogo preconceituoso, além de facilitar a caracterização da matéria no processo literário do país e a avaliação mais objetiva da contribuição literária de representantes assumidos da etnia que, mesmo diante dos mais variados obstáculos, têm trazido a público, nas última décadas, a força de sua palavra poética. É importantíssima a ocupação pelos negros e seus descendentes de espaços literários e de outros igualmente culturais até então timidamente frequentados. O caminho vem sendo percorrido. Alguns resultados, poucos, têm aflorado. Importa prosseguir na busca de uma plena e insofismável representatividade, até que se torne inteiramente dispensável a presença como marca de uma diferença redutora. Afinal, literatura não tem cor.” (FILHO, 2004, p.188)

O que nos parece evidente é a cobrança deste autor por um espaço para a literatura do negro como integrante do arcabouço literário e que a mesma não seja distinguida pela etnia de quem a escreveu, pois como ele mesmo diz, “Afinal, literatura não tem cor” (FILHO, 2004, p.188).

5. Macunaíma: Literatura, interdisciplina difusora cultural.

Em face do exposto até aqui, vamos agora procurar apontar de forma mais objetiva evidências que sustentam nossa proposta em bases consistentes, apresentando “Macunaíma” de Mário de Andrade (1928), pois este autor traz à baila com esta obra uma linguagem desconhecida dos eruditos, ou seja, da elite brasileira naquele momento, em Macunaíma ele traz todo esse linguajar, além de hábitos e costumes do povo que ora ganhava uma identidade, além da presença de membros da elite operária deste país frequentadora dos terreiros e centros até então negados e difamados pela sociedade, e através da própria literatura,

Macunaíma estava muito contrariado. Não conseguia reaver a muiquitã e isso dava ódio. O melhor era matar Piaimã... Então saiu da cidade e foi no mato Fulano experimentar força. Campeou légua e meia afinal enxergou uma peroba sem fim. Enfiou o braço na sapopemba e deu um puxão pra ver si arrancava o pau mas só o vento sacudia a folhagem na altura porém. “Inda não tenho bastante força não”, Macunaíma refletiu. [...] Pois então resolveu tomar um trem e ir no Rio de Janeiro se socorrer de Exu diabo em cuja honra se realizava uma macumba no outro dia. Era junho e o tempo estava inteiramente frio. A macumba se rezava lá no Mangue no zungu da tia Ciata, feiticeira como não tinha outra, mãe-de-santo famanada e cantadeira ao violão (ANDRADE, 1997, p.43).

Inicialmente conforme exposto acima, observamos a presença de uma linguagem “popular”, além da presença de espaços desconhecidos linguística e fisicamente, se compararmos à linguagem culta e ao desconhecimento do sertão brasileiro pelo cidadão metropolitano elitizado, como por exemplo, “muiquitã, Piaimã, sapopemba, Exu, zungu”, macumba, além de personalidades do meio, como tia Ciata. É interessante notarmos como Andrade relata a presença de membros da elite operária no “terreiro de tia Ciata”,

As vinte horas Macunaíma chegou na biboca levando debaixo do braço o garrafão de pinga obrigatório. Já tinha muita gente lá, gente de direita, gente pobre, advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados gatunos, todas essas gentes e a função ia principiando (ANDRADE, 1997, p.43).

Podemos então observar que apesar de ser esta cultura difamada e marginalizada, apagada e não reconhecida, era ao mesmo tempo acolhida por membros da sociedade, a literatura entra com essa missão, de não deixar que se mostre como algo positivo, conforme apontamos em Gründler e Spessato (2014), nas colocações de Varnhagen em carta ao Imperador D. Pedro II condenando a literatura de Gonçalves Dias em Guimarães (1988), já citado anteriormente.

Macunaíma expressa toda uma realidade brasileira da época, e por mais que tenham tentado denegrir a “cultura popular deste povo em definição ainda”, a literatura acaba por difundir o que este povo tinha de original, e que diferia em muito da cultura europeia desejada, em termos de linguagem esta obra é objeto de estudo ainda hoje, dizem Machado e Félix,

Depois de quase de quase um século, o livro continua sendo objeto admiração e de interesse por parte daqueles envolvidos no estudo e apreciação da cultura nacional, tendo já virado filme de Joaquim Pedro de Andrade, peça teatral e até samba-enredo da Portela. Ao longo das décadas, a polifonia do seu discurso é objeto de pesquisa, pela concepção de que a personagem central, que é ímpar, sem precedentes na literatura brasileira, é a própria alegoria da nossa identidade (MACHADO; FÉLIX; 2012; p.818).

E podemos observar que ainda apresentam neste trabalho as características do mestiço brasileiro,

Como tinha tudo de uma raça, “que não tem medo de fumaça”, nasceu de mãe *índia*, mas “era preto retinto e filho do medo da noite” e com nas “histórias de trancoso”, um belo dia “ficou um príncipe lindo.” São interessantes estas diversas mutações sofridas pela personagem. Nasce feio, pequeno, negro e preguiçoso, vira índio e até loiro do olhos azuis, sendo uma síntese genética do povo brasileiro, formado ao longo de quinhentos anos pelas três raças a indígena, a branca e a negra. Apesar das mudanças físicas sofridas, segunda Cavalcanti Proença, em sua obra “Roteiro de Macunaíma”, o herói “não adquire alma europeia. É branco só na pele e nos hábitos. A alma é uma mistura de tudo.” Cavalcante Proença esclarece ainda que o nome de sua tribo *tapanhumas* é uma palavra de origem tupi, que designa os negros filhos da África, que moravam no Brasil. Seriam os *tapanhumas* uma tribo lendária de índios brasileiros, com características físicas de negros (MACHADO; FELIX; 2012; p.820).

Se por um lado, Machado e Félix apontam em Macunaíma a questão da mestiçagem do brasileiro, por outro lado em se tratando de cultura, Manuel Cavalcante Proença, aponta para as características culturais deste brasileiro,

Macunaíma reúne e homogeneiza credences, superstições, conhecimentos, comportamentos e linguagem de todas as regiões brasileiras, criando aquele Homo *brasiliensis* que o próprio Mário sabia não ter existência real, mas apenas ideal. Como os **hipodigmas** da Zoologia, que, não sendo a descrição de nenhum indivíduo particular, contém em si os caracteres todos que se acham dispersos na população em geral (PROENÇA, 1955 apud CASTO; BARBOSA, 2003, p.68 – grifo do autor).

Pelo exposto acima, observamos que Proença, além de apontar a homogeneização da cultura brasileira, aponta esta cultura no biótipo do mestiço, “Homo brasiliensis”, contido na figura de Macunaíma, o qual se projeta sobre a imensidão do território brasileiro em sua sanha em busca de seu amuleto, muiraquitã, revelando aos leitores a imensidão deste território, a riqueza do vocabulário diversificado englobando palavras da língua portuguesa, do tupi guarani, e dialetos africanos. Encerrando esta secção, fazemos novamente referência aos frequentadores dos terreiros e centros, onde se imiscuíam classes, culturas e religiosidades:

Vai, um rapaz filho de Oxum, falavam, filho de Nossa Senhora da Conceição cuja macumba era em dezembro, distribuiu uma vela acesa pra cada um dos marinheiros marcineiros jornalistas ricaços gamelas fêmeas empregados-públicos, muitos empregados-públicos! todas essas gentes e apagou o bico de gás alumindo a saleta (ANDRADE, 1997, p. 43).

Observamos desta forma a presença de indivíduos de vários segmentos da sociedade brasileira, fazendo comum à esta sociedade como um todo esta prática religiosa africana em território nacional, a MACUMBA, o próximo item a ser trabalhado.

Antecedendo ao próximo subtítulo, é notório tecermos um breve comentário de Proença Filho à respeito de Mário de Andrade o qual nos fornece o subsídio para este trabalho e que será apresentado à frente. Em relação à este autor, Proença Filho diz que,

Na obra o mulato Mário de Andrade (1893-1945), encontro algumas passagens reveladoras de uma posição dividida, acreditar-se na identidade entre o eu lírico e o poeta. Na “Meditação do Tietê” aparece uma referência à vinculação com a etnia: Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras, Bardo mestiço, e meu verso vence a corda. Da caninada sagrada, afina com os ventos dos ares, e enrouquece Úmido nas espumas das águas do meu rio. E se espatifa nas dedilhações brutas do incorpóreo amor. (FILHO, 2004, p.170)

Ou seja, a referência à mestiçagem a qual é inerente ao povo brasileiro, e que podemos observar desde o início em todos os autores trabalhados, é uma questão que permeia seus trabalhos de análises em relação à literatura e sua relação como difusora da cultura brasileira e concomitantemente o povo que participa desta cultura; ainda tecendo comentários sobre Andrade, Proença Filho diz que,

os seus “Poemas da negra” (1929) exaltam a beleza da raça, à luz da relação amorosa valorizadora: [...]” O herói Macunaíma, do romance de mesmo nome, de sua autoria, é, nas suas mutações, singularmente representativo, quando nasce preto e vira branco (FILHO, 2004, p.170).

É muito significativo observarmos que a questão do branqueamento fica explícita em *Macunaíma*, o que podemos atestar na citação anterior na qual Proença Filho faz menção à esta questão étnica presente na literatura de Mário de Andrade, nas obras apresentadas por ele.

6. Macumba

Macumba é conforme Machado e Félix, uma palavra de origem iorubá, provavelmente em uma situação hipotética, é uma das palavras africanas mais utilizadas em território brasileiro, como Xangô, Exu, Nagô, Iemanjá, Oxossi, dentre outras. Nos chama a atenção, pois em um momento em que se procura a identidade brasileira encontram-se imiscuídos à ela a falta de uma característica própria, mas a diversidade advinda da formação de três povos e três culturas distintas, tanto na língua como na culinária, passando pela religião, neste sentido dizem,

A língua africana em Macunaíma : Após algumas tentativas frustradas para recuperar a Muiraquitã, Macunaíma decide ir à “oceânica cidade do Rio de Janeiro – a mais bela do mundo, na opinião de todos os estrangeiros, e que por meus olhos verifiquei.” (ANDRADE, 1928, p.63) no Zungu da tia Ciata, “feiticeira como não tinha outra, mãe de santo famanada e cantadeira ao violão.” (ANDRADE, 1928, p.43) para vingar-se de Venceslau Pietro Pietra, seu grande antagonista, encomendando a Exu uma sova no gigante. O capítulo em questão chama-se Macumba, palavra de origem iorubá, uma das mais de duzentas línguas africanas que chegaram ao Brasil com os escravos a partir do Século XVI. Segundo Bessa-Freire, as palavras desse dialeto “se restringem mais ao vocabulário da culinária e da religião, em que as manifestações culturais são mais nítidas.” (BESSA-FREIRE, 2008, p.169) O interessante é que essa é uma das palavras africanas que mais caracterizam a contribuição linguística do negro para o português, talvez por conta do culto afro do candomblé, entre a nossa gente. Macunaíma não vem apenas ao terreiro no Rio. Vem conhecer a África intrínseca no nacional, que está na língua, na religião, na comida, na música e na dança. Na ocasião, a personagem é apresentada a Exu, a Xangô, a Nagô e à Iemanjá. Toma cachaça, come mugunzá e dá saravá. Porém, mais do que isso, celebra, canta e dança um samba de arromba com Pixinguinha, Manuel Bandeira, Dodô, Jaime Ovalle e outros. E Macunaíma, que tinha nascido preto, retinto e filho da noite, mas que era também um índio que habitava a aldeia às margens do Uraricoera e que depois virara loiro de olhos azuis, que chegara a São Paulo para se alumbrar com os “filhos da mandioca”, agora estava ali, no terreiro da Tia Ciata, interagindo na crença e na fala, tornando-se cada vez mais um herói brasileiro sem nenhum caráter, mas como nunca antes se tinha ouvido falar nesse mundo (MACHADO; FÉLIX, 2012, p.823).

Parecem-nos evidentes as argumentações de ambos, levando-se em consideração todo o processo cultural de mescla entre os povos que constituíram a formação do brasileiro, o índio dono desta terra, o português europeu administrador e senhor aqui presente e o africano em sua saga de migração forçada e sujeição à adaptação a uma nova forma de viver, longe de seus antepassados, da sua cultura original e seu berço natal, tendo que se reconstruir como indivíduos e grupos.

7. Conclusão

Ao iniciarmos este trabalho nos propusemos mostrar a literatura como difusora de uma cultura que deveria ser apagada e esquecida, e que esta seria a arma utilizada para este fim; porém, entendemos que a mesma teve um papel importantíssimo como difusora desta cultura concomitantemente. Em primeiro momento apontamos através de Visentini (2013), as características da mestiçagem do povo brasileiro, o que obviamente o difere do povo europeu e seu padrão cultural, o que foi por nós observado nas obras que deram sequência neste trabalho, nas argumentações apresentadas pelos autores.

A proposta do IHGB em tratar da construção da História do Brasil, nos traz informações importantes, como por exemplo, a citação de José Bonifácio ao dizer, ou relatar a complexidade de encontrar uma característica para o “brasileiro”, isto em 1813 já sendo alertado por ele, ou seja, antecedendo mesmo ao projeto de construção de uma identidade nacional e até mesmo uma nação, pois o Brasil ainda era de certa forma uma colônia, mesmo a Coroa estando residente nestas terras. Procuramos através de Guimarães mostrar o caráter excludente existente no seio do IHGB e a proposta de uma cultura e uma “identificação” com a Europa, e ainda, coadunando com a proposta de Visentini, de uma mestiçagem inegável, nas próprias palavras de José Bonifácio.

Em relação a Gründler e Spessatto, fica evidenciado a importância na forma com que a literatura difunde estes “valores” não reconhecidos ao serem apresentados como antagônicos à cultura iluminista, ou seja, esta cultura “ruim” é apresentada à sociedade; este povo mestiço, índio e negro, estão presentes na sociedade, à elite que lê, como existentes, presentes e portadores de uma cultura.

Analisando a obra de Sevcenko, observamos nitidamente o antagonismo nos próprios autores trabalhados por ele e que está explícito conforme o autor em suas próprias palavras, Euclides da Cunha e Lima Barreto, são de classes sociais distintas ficando esta diferença aclarada na linguagem expressa em suas obras, aquele erudito, este mais despojado, ou seja, duas vertentes linguísticas que grosso modo poderíamos dizer: Europa, Brasil, sendo um representante da elite o outro do meio popular, o que ao nosso olhar leva a crer que o leitor da época observava esta diferença, obviamente, e tomando ciência das diferenças via literatura.

Machado e Félix nos subsidiam ao explicitarem a questão da mestiçagem, a cultura e a linguagem, onde estes autores apontam características que são inerentes ao povo brasileiro, e

ao próprio território brasileiro, coadunando com os demais autores apresentados neste trabalho.

Entendemos desta forma que a literatura é de um valor sem igual para a difusão cultural de qualquer povo ou comunidade, e que conforme os autores citados e suas diversas argumentações, foi e é através dela que podemos agir de maneira interdisciplinar para que estas culturas, indígenas, africanas, e afro-brasileiras, sejam difundidas. A literatura tem a força da linguagem em qualquer instância de conhecimento e pesquisa. Pelos autores apresentados em seguimentos distintos neste trabalho, ressaltamos que todos fizeram referência à literatura como ferramenta de trabalho, pois ela é capaz de contar, descrever, ilustrar e mostrar a cultura e as realidades de um povo. Gostaríamos de fazer referência ao que diz José Henrique Motta de Oliveira², em seu artigo: “Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de Umbanda durante o Estado Novo”, e mais especificamente em relação à Umbanda, a qual se configura como proposta de uma religião genuinamente brasileira, foi através de literatura que a mesma foi difundida, diz o autor: “A literatura umbandista, produzida nas décadas seguintes está repleta de exemplos, nos quais a ciência aparece como argumento legitimador das práticas mágicas” (OLIVEIRA, 2009, p. 77).

Proença Filho (2004) foi outro autor apresentado neste trabalho e como mencionamos na introdução tivemos em sua obra um paralelo em relação às obras dos autores aqui apresentados e que veio de forma síncrona e ajustada justificar a posição dos demais autores, principalmente Andrade que nos subsidiou para a fundamentação deste trabalho, além de marcar a presença do negro como agente literário.

Acreditamos que este trabalho em face das argumentações apresentadas tenha elucidado com clareza o seu propósito de mostrar a literatura como disseminadora de culturas independentemente de juízo de valores, e que a mesma em face disso possa ser trabalhada interdisciplinarmente.

² Graduado em História pelo Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos e em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Helio Alonso. Mestre em História Comparada pela UFRJ.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **MACUNAÍMA: o herói sem nenhum caráter**. - Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas Ltda. 1997

CASTRO, Dácio Antônio de. BARBOSA, Frederico. **MACUNAÍMA – Mário de Andrade: Análise da Obra / LITERATURA – Fuvest 2003 – Anglo Vestibulares**. Disponível em: <http://www.lumen.com.br/arquivos/aluno/portugues/macunaima.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

FILHO, Domício Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados* 18 (50), 2004. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro brasileiro negro**, nº 25, 1997, P. 159-77.

GRÜNDLER, Karla Goularte da Silva. SPESSATTO, Marizete Bortolanza. Raízes de preconceito na educação brasileira: etnicidade e a temática do progresso nos livros de leitura da Primeira República. **XANPED SUL**, Florianópolis, outubro de 2014.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, RJ, nº 1, p. 5-27, 1988.

MACHADO, Áurea Maria Bezerra Machado. FRAZÃO, Idemburgo Pereira. **MACUNAÍMA: UMA PROPOSTA A LÍNGUA BRASILEIRA**. **Cadernos do CNLF**, V. nº 04, t. 1-Anais do XVI CNLF, p. 818. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/071.pdf. Acesso em 15 out. 2016.

MAGGIE, Yvonne. Mário de Andrade ainda vive? O ideário modernista em questão. **RBCS**. v. 20, nº 58, jun. 2005.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. **LITERATURA COMO MISSÃO: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República / Nicolau Sevcenko**. – São Paulo: Brasiliense, 1999.

VISENTINI, Paulo Fagundes, et.al. **História da África e dos africanos**. Petrópolis: Vozes, 2013.